

PODER

Meta é se reaproximar da China

Lula visitará o principal parceiro comercial do Brasil para melhorar as relações, estremecidas no governo Bolsonaro

» VICTOR CORREIA

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) vai à China em 28 de março liderar o processo de reaproximação com o país asiático. O chefe do Executivo viaja acompanhado, entre outras autoridades, da ex-presidente Dilma Rousseff, que será indicada para a presidência do banco do Brics — bloco composto por Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul.

Lula vai se reunir com o líder chinês, Xi Jinping, e deve ficar no país por quatro dias. Entre os temas na pauta estão a atração de investimentos chineses para o Brasil, a guerra na Ucrânia e a candidatura de Dilma.

Sobre o conflito, que já ultrapassa um ano de duração, Lula externou a vontade de reunir um grupo de países neutros em relação à guerra para negociar o fim dos combates. A China é um dos principais parceiros da Rússia e se declara neutra, mas não repudiou a postura do aliado nem a invasão e chegou a declarar que defende a soberania russa.

“Acho que os nossos amigos chineses têm um papel muito importante. Eu, se for à China em março, como está previsto, quero conversar isso com o Xi Jinping. Está na hora de a China colocar a mão na massa e ajudar a encontrar a paz entre a Rússia e a Ucrânia”, declarou Lula, quando recebeu a visita do chanceler alemão Olaf Scholz, no fim de janeiro.

Fora a busca pelo posicionamento internacional, Lula quer da China investimentos em áreas estratégicas. Na semana passada, em preparação para a retomada das negociações, o Palácio do Itamaraty sediou uma reunião interministerial para discutir a Comissão Sino-Brasileira de Alto Nível de Concertação e Cooperação (Cosban).

Segundo o vice-presidente da República e ministro do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços, Geraldo Alckmin, que esteve no encontro, a Cosban é “uma comissão de alto nível para a relação Brasil-China, que é o nosso maior parceiro comercial”.

Em 2022, a balança comercial entre os dois países pendeu para o lado brasileiro, gerando um superávit de **US\$ 28,97 bilhões**. O cenário ocorreu apesar da tensão causada pelas críticas do então presidente Jair Bolsonaro (PL) à China. Em maio de 2021, por exemplo, o então chefe do Executivo insinuou que a covid-19 havia sido criada pelos chineses.

“Ninguém sabe se nasceu em um laboratório ou nasceu por

Ed Alves/CB/DA.Press



Na pauta da visita de Lula à China estão a atração de investimentos para o Brasil, a guerra na Ucrânia e a candidatura de Dilma ao banco dos Brics

Produtos

Os produtos-chave do comércio bilateral são commodities, soja e minério, mas também se busca aumentar esse relacionamento com exportações de alto valor, como aviões.

algum ser humano ingerir um animal inadequado”, afirmou em discurso, na época. “Os militares sabem o que é uma guerra química, bacteriológica e radiológica. Será que estamos enfrentando uma nova guerra? Qual país mais cresceu seu PIB (Produto Interno Bruto)? Não vou dizer para vocês”, completou. A fala foi rechaçada pelo porta-voz do Ministério de Relações Exteriores da China, Wang Wenbin.

No ano passado, o então vice-presidente e atual senador Hamilton Mourão presidiu a reunião da Cosban, ao lado do homólogo chinês, Wang Qishan. No encontro, os representantes governamentais anunciaram a intenção de expandir o fluxo comercial.

Lula assumiu o governo com a promessa de se reaproximar

politicamente da China, além de expandir as relações comerciais. Após a reunião interministerial da semana passada, o secretário especial do Programa de Parcerias de Investimentos (PPI) da Casa Civil, Marcus Cavalcanti, informou iniciativas comerciais que podem atrair mais recursos chineses já no início deste ano.

“Apresentamos uma série de leilões, principalmente no setor de linhas de transmissões. Chamamos a atenção para a mobilidade urbana, por meio de empresas chinesas que fabricam ônibus elétricos, como já temos em algumas cidades”, disse o secretário. Outro alvo do PPI, segundo a Casa Civil, são os fabricantes chineses de turbinas eólicas.

Dilma nos Brics

O chefe de Estado brasileiro também confirmou, na semana passada, a intenção de indicar Dilma Rousseff ao banco do Brics. A possibilidade já era comentada nos bastidores. Em entrevista à CNN, ele enfatizou: “Se depender de mim, ela vai ser (presidente do banco). Dilma é uma figura extraordinária. Se eu não tivesse sido presidente, e, sim, ministro

político da Dilma, não teria acontecido o que aconteceu. Acho que faltou um pouco de conversa, de paciência, mas ela é uma mulher extraordinária, digna de respeito, e o PT adora ela”.

O presidente destacou, ainda, que a petista “é muito competente tecnicamente”. “Se for presidente do Brics, será uma coisa maravilhosa para o Brics e para o Brasil”.

O Novo Banco de Desenvolvimento (NBD), instituição financeira do bloco, é sediado em Xangai, na China, e funciona como uma alternativa ao Fundo Monetário Internacional (FMI) para fornecer crédito aos países-membros. Uma das ações, por exemplo, foi a liberação de US\$ 153 milhões para a pavimentação de rodovias no Pará.

Nos bastidores do Executivo, fala-se que Lula já tem o aval dos outros países do bloco para mudar a presidência do banco e que negocia a saída do atual chefe da instituição, Marcos Troyjo, indicado pelo governo Bolsonaro.

O Brasil ocupa a presidência do banco até 2025. Troyjo é criticado por sua gestão e por ter deixado Xangai. O destino dele deve ser um cargo no governo de São Paulo, a convite do governador, Tarcísio de Freitas.

Saiba mais

EUA de olho na visita

Os diplomatas de Brasil e China discutem a programação da viagem do presidente Luiz Inácio Lula da Silva no momento da escalada de tensões entre China e Estados Unidos, que vão das disputas comerciais à geopolítica, passando pela questão de Taiwan e pela recente guerra de narrativas sobre os “balões-espíes”.

O Brasil não quer ser envolvido no caso. A impressão de diplomatas, brasileiros e americanos, é de que se trata apenas de uma questão bilateral. De qualquer forma, a diplomacia do presidente Joe Biden acompanha a visita de Lula, dado o avanço da presença chinesa na América Latina.

A ida à China nos primeiros meses de mandato de Lula vinha sendo preparada pela equipe do petista desde a transição.

Reencontro com Trump nos EUA

» HENRIQUE LESSA
» INGRID SOARES

O ex-presidente Jair Bolsonaro deve permanecer por mais algum tempo nos Estados Unidos, já que foi confirmada a participação dele no congresso da Ação Política Conservadora (CPAC, em inglês), nos dias 1º a 4 de março, em Washington. No evento, promovido por apoiadores do ex-presidente americano Donald Trump, os dois ex-chefes de Estado devem se encontrar.

A organização do congresso — que tem ingressos com valores que vão de US\$ 295 (R\$ 1.500) a US\$ 30 mil (R\$ 155 mil) — deu um grande destaque para a presença de Bolsonaro, publicando em uma rede social uma foto do ex-presidente com frase atribuída a ele que diz, “politicamente correto é coisa de esquerdista radical”.

O CPAC também escreveu que “muitos chamam ele de o Donald Trump da América do Sul. Aqui no CPAC nós chamamos ele de amigo”. E apresenta uma foto dos dois ex-presidentes juntos.

Bolsonaro não se pronunciou sobre o evento, mas um dos filhos dele, o deputado federal Eduardo

Bolsonaro (PL-SP), confirmou em uma rede social a ida do pai. O parlamentar ainda ratificou o encontro com o ex-presidente americano. “Jair Bolsonaro e Donald Trump estarão no mesmo palco pela primeira vez num evento político”, disse. Ele informou que o convite teria partido de Matt Schlapp, presidente da Ação Conservadora dos Estados Unidos.

Bolsonaro vem sendo cobrado pelo PL para tomar a frente da oposição ao governo de Luiz Inácio Lula da Silva. O ex-presidente foi para os Estados Unidos em dezembro, dois dias antes do fim de seu mandato.

Em entrevista ao jornal americano *The Wall Street Journal*, ele afirmou que deve voltar ao Brasil no próximo mês, mas reconheceu o temor de ir para a cadeia. “Uma ordem de prisão pode aparecer do nada”, frisou.

Uma das principais ações que avalizam a preocupação é a que trata do suposto cometimento do crime de genocídio contra ianomâmis.

À publicação americana, Bolsonaro destacou que o movimento de direita no Brasil está vivo e precisa continuar. E reiterou ser “o único político capaz de assumir o

JIM WATSON



posto de líder nacional da direita e fazer frente a Lula”.

Eventos

A participação no congresso da CPAC será a quarta agenda de tom político do ex-chefe do Executivo em solo americano desde que foi derrotado nas urnas. Ele tem aproveitado para criticar Lula.

No dia 3, em um evento em Miami chamado “Power of the People” (Poder do povo), organizado pelo Turning Point USA — organização estudantil de extrema direita —, Bolsonaro alegou que está “recarregando as baterias” e

que “não desistirá do Brasil”.

A principal intenção dele ao retornar ao país é coordenar a liderança de direita, gerir a ala da extrema direita do PL, além de viajar o país como cabo eleitoral para apoiar candidatos conservadores em mais de cinco mil cidades e municípios nas eleições do próximo ano.

Porém, o ex-presidente enfrentará problemas ao retornar ao país. No fim de janeiro, o ministro Luís Roberto Barroso, do Supremo Tribunal Federal (STF), determinou a abertura de inquérito para investigar a crise humanitária vivida pelos ianomâmis. Há ainda, entre outros, a investigação

sobre possíveis responsabilidades de Bolsonaro nos atos golpistas de 8 de janeiro em Brasília.

Somado a isso, o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) incluiu a minuta golpista — encontrada na casa do ex-ministro da Justiça Anderson Torres — em um processo contra o ex-presidente. Caso seja condenado no processo, ele ficará inelegível por oito anos.

No último dia 15, a bancada do PSol na Câmara entregou um ofício ao ministro Alexandre de Moraes, do STF, com quase 300 mil assinaturas para reforçar um pedido de prisão preventiva contra Bolsonaro, protocolado

Livre de apurações

A pedido da defesa do presidente Lula, o ministro Ricardo Lewandowski, do Supremo Tribunal Federal (STF), determinou o encerramento de três investigações contra o petista. Duas estão no âmbito da Lava-Jato, que envolviam o caso do imóvel para o Instituto Lula e doações para a entidade. A terceira, sobre supostas irregularidades na compra de 36 caças suecos no governo Dilma Rousseff. O processo acusava Lula de tráfico de influência, lavagem de dinheiro e organização criminosa. As apurações já estavam suspensas por decisões de Lewandowski, de 2021 e 2022.

O magistrado considerou que investigações não podem ser retomadas porque as provas usadas pelo Ministério Público Federal nesses casos são ilícitas e constata-se “a ocorrência do fenômeno da contaminação ou da contigiosidade” dos elementos. Ele citou o acordo de leniência da Odebrecht, que teria sido negociado sem seguir critérios legais.

Lewandowski completou que “não concebe a existência de denúncias temerárias, sem o mínimo de elementos probatórios hígidos, e, ainda, sabidamente desprovidas de correlação legítima entre elas e a fase pré-processual”. “Trata-se, em verdade, de imputações calcadas em provas contaminadas, que foram produzidas, custodiadas e utilizadas de forma ilícita e ilegítima, o que evidencia a ausência de justa causa para o seu prosseguimento”, frisou.

Sobre a compra dos caças, ele disse que não houve “suporte idôneo para deflagrar a ação”, emendou que os procuradores que assinaram a denúncia “jamais deixaram de reconhecer a fragilidade das imputações que pretendiam assacar contra o reclamante” e que há “plausibilidade das alegações referentes ao cometimento de atos comissivos e omissivos, evitados pelos vícios da suspeição e incompetência, por parte dos procuradores da República indignados pela defesa”. (IS)

A previsão é de que Bolsonaro e Trump participem de congresso da Ação Política Conservadora

na Corte em 2 de janeiro.

O retorno do ex-presidente, no entanto, ainda é uma incógnita. Ao **Correio**, a ex-primeira-dama Michelle Bolsonaro disse que o marido deve “continuar por lá”. “Acho que ele precisa descansar mais, continuar por lá. Estou com ele há 15 anos e nunca o vi descansar.”

O cientista político Cristiano Noronha, da Arko Advice, destaca que o risco de Bolsonaro se tornar inelegível é grande, mas que, caso ele continue nos EUA, sofrerá prejuízo ainda maior em seu capital político.

“A capacidade de mobilização, de rebater determinadas críticas e acusações é mais difícil. Se voltar ao Brasil, pode ter uma atividade política mais intensa. Fato é que fora do país ou dentro os processos vão continuar em andamento”, frisou.

Pelos avanços das investigações, é possível que Bolsonaro não chegue com capital político suficiente para as eleições de 2026, acredita o cientista político André Rosa. “Com o ex-presidente fora do Brasil, a militância ficará ainda menor, abrindo espaço para outros postulantes da direita. É o caso da esposa dele, Michelle, e do próprio governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas. Politicamente, se isolar nos Estados Unidos é uma estratégia errada do ponto de vista eleitoral”.